

217

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
DEZ 1944



Patricia Roc
a jovem
e talentosa vedeta
do cinema inglês
que Lisboa vai
admirar
brevemente na sua
magnífica criação
no filme
"Milhões como nós"

A MULHER INGLÊSA NA GUERRA

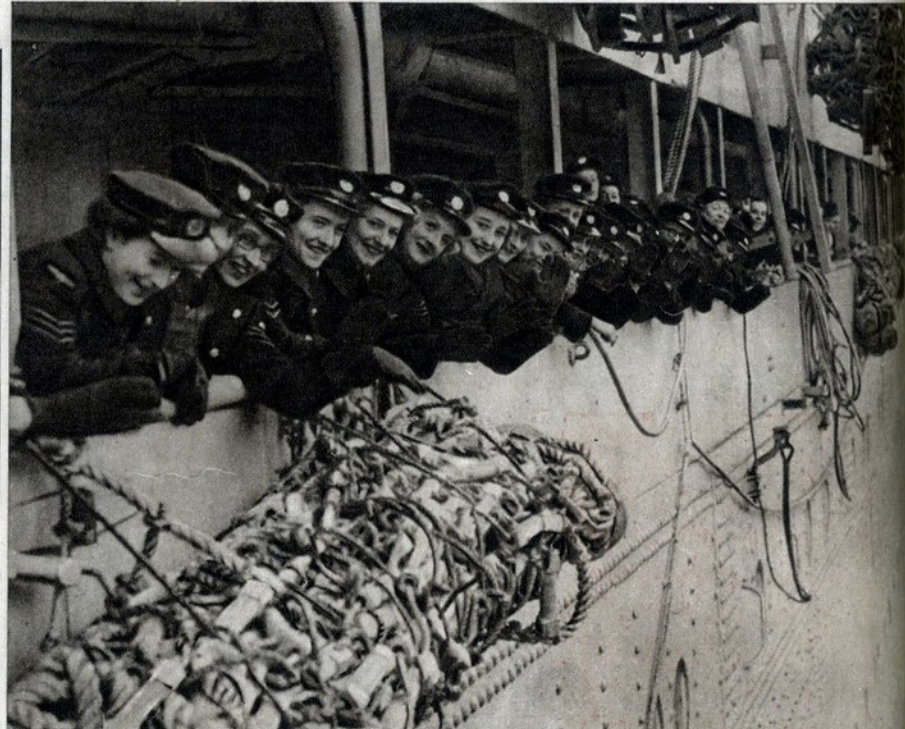
A mulher inglesa, que já na outra guerra colaborara, admiravelmente, na defesa do seu país, como que se excedeu, esta vez, em abnegação e sacrifício. Sem perder o sorriso, a sua graciosidade, vemo-la em toda a parte, animosa e brava, enérgica e perseverante, multiplicando os aspectos da sua existência. Surgem novas imagens da sua personalidade, aureolando-lhe o carácter de beleza. O trabalho que o homem deixou vago à retaguarda para empunhar a coronha da metralhadora, a «manche» do avião ou o volante do «tank», tem sido nestes seis anos de guerra, desempenhado por elas. Vemo-las ainda nos campos de aviação, nos serviços auxiliares de marinha, com labores de responsabilidade, e vemo-las também na defesa anti-aérea, nas fábricas, nos estaleiros, na polícia — e, sobretudo, sombras brancas bemfazejas, nas ambulâncias de guerra e nos hospitais. Por toda a parte, afinal! Nesta página, a sua faina é documentada em flagrante. Os homens foram para a guerra, mas elas ficaram defendendo a velha Inglaterra, ou acompanharam-nos até onde as suas forças, e a sua condição frágil e delicada indicavam, naturalmente. Agora, em França, como na Itália e na Grécia, ela auxilia, intensamente, as populações, distribuindo víveres, agasalhando os órfãos, e cuidando dos feridos e dos mutilados.

A Europa deve-lhe muito desta coisa tão simples e humana, que parecia perdida, o renascimento da bondade e da humanidade.



Uma criança, vítima dos bombardeamentos cegos dos alemães, que está submetida a tratamento especial, recebe os carinhos cuidados da enfermeira

Há 25 anos, depois da Grande Guerra, a Grã-Bretanha criou uma policia feminina. Um agente, em Regent-Street, Londres. A sua missão principal é guiar e assistir às mulheres e às crianças



Raparigas dos serviços auxiliares da marinha partindo da Inglaterra para um teatro de guerra

← *Duas mulheres dos serviços da defesa anti-aérea de Londres*

REFLEXOS DO MUNDO



O moinho e o soldado

O exército inglês vela pela independência da laboriosa Holanda

Entre escritores

O conhecido escritor Michel Arlen é natural de X.

Há tempos, um amigo apresentou-lhe outro distinto escritor do mesmo país — o senhor William Saroyan.

Dias depois, Arlen descrevia animadamente o «lunch» a que assistira Saroyan.

— Porque ficaste tão entusiasmado? — perguntou-lhe a esposa — afinal ainda na véspera tinhas almoçado com o rei da...

Arlen respondeu:

— Para um habitante de X almoçar com um rei é das coisas mais naturais deste mundo. Mas com um compatriota... ah, isso sim, é excepcional!

(New York Post)

Cuidado!

Artista: — Tome cuidado com esse quadro; a tinta ainda não está bem seca.

Empregado: — Deixe estar, senhor. Traço hoje o fato mais velho.

(Dublin Opinion)

Os ingleses e o gelo

Antigamente, falar de gelo na Inglaterra era o mesmo que contar uma história fantástica.

Quando há cerca de 120 anos, o primeiro carregamento de gelo chegou ao Tamisa, os funcionários da alfândega torceram o nariz. Com efeito, não sabiam classificar a mercadoria.

E, quando após longa discussão, chegaram à conclusão de que se tratava de «mercadoria sólida», as 200 toneladas de gelo que constituíam o carregamento já tinham derretido totalmente.

(Daily Sketch)

Prognósticos...

Muitas vezes, na Imprensa britânica, encontram-se os mais flagrantes exemplos de humorismo. Recordemo-nos de certo prognóstico, feito por um astrólogo célebre, num jornal britânico, na véspera da invasão da Europa: «O dia de amanhã será calmo em todas as frentes. Há muito poucas probabilidades de se registarem acontecimentos de vulto».

Mina ou torpedo

O comandante de um navio mercante alemão compareceu perante um tribunal de investigação criminal.

— Diz então o senhor que o seu navio foi torpedeado no Báltico por um submarino inglês? — perguntou o juiz.

— Sim, senhor juiz — respondeu o capitão.

— É mentira! — replicou exaltado um homem das SS — não há submarinos ingleses no Báltico. Foi uma mina, seu patete, compreende?

— Sim, senhor — diz novamente o capitão.

— Então em que ficamos, foi uma mina ou um torpedo — torna a perguntar o juiz.

— Bem, senhor juiz — replica o capitão — a verdade é que a mina me disse; «damos-lhe 15 minutos para abandonar o seu navio».

(Letter From America)



Interrogatório na frente

O oficial: — Antes de fazer fogo, perguntou: «Quem vem lá?»

A sentinela: — Sim, meu ca-



A esquadra inglesa [está] no Pacífico

O comandante Rutherford, que dirigiu uma operação de bombardeamento contra Nicobar

pitão. Ele disse: «Alto, quem vem lá?» E ele respondeu: «Um amigo!» Assim vi logo que não era dos nossos.

O oficial: — Porque não?

O soldado: — Porque nós re-demos sempre: «Hitler!»

(Reveille)

Esta aconteceu...

Um leão e uma leoa andavam pela floresta em busca de jantar. De repente o leão avistou um grupo de antílopes. Com meia dúzia de dentes matou-os todos. Depois, voltando-se para a esposa, disse: «Bem, acabaram-se os antílopes. São, precisamente, 18 horas e 30 minutos».

(Manchester Guardian)

Nunca é tarde

Eis aqui uma boa lição para os vencidos da vida que determinam a capacidade de produção de um indivíduo com relação à idade. Há quem afirme que já se sente velho para fazer isto ou aquilo. Escutemos o exímio maestro inglês, Sir Henry Wood na sua auto-biografia «My Life of Music» (Edição Gollancz, Londres):

«Final, não foi Verdy quem escreveu Falstaff aos oitenta, e o Te Deum e Stabat Mater aos oitenta e cinco? Tintoretto pintou o Paraíso aos setenta e quatro anos; Goethe terminou Fausto aos oitenta; com a mesma idade, começou Catão a aprender o grego; Tennyson escreveu Crossing the Bar aos oitenta e três; aos setenta e oito, Oliver Wendell Holmes deu ao mundo o seu Over the Tea Cups; Gladstone foi primeiro ministro da Inglaterra, pela terceira vez, aos setenta e sete; e Ticiano, com a idade de noventa e nove anos, deu-nos a maravilhosa tela histórica A Batalha de Lepanto.

* UMA INDICAÇÃO ÚTIL NA ESTRADA! *

Por toda a parte, as forças britânicas encontram a simpatia e o auxílio das populações libertadas



Mantimentos e munições! Milhares de navios são empregados no seu transporte para as frentes dos Aliados



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

| HORAS | ESTAÇÕES | ONDAS | ESTAÇÕES | ONDAS | ESTAÇÕES | ONDAS | ESTAÇÕES | ONDAS |
|-------|----------|-------|----------|-------|----------|-------|----------|-------|
| 19.45 | WRUS | 19,8 | WRUA | 25,4 | WGEA | 25,3 | WGEX | 16,8 |
| 20.45 | WRUS | 19,8 | WRUA | 25,4 | WGEA | 25,3 | WGEX | 16,8 |
| 21.45 | WRUS | 19,8 | WRUA | 25,4 | WLNR | 23,1 | | |
| 22.45 | WRUS | 30,9 | WRUA | 39,6 | WLNR | 23,1 | WGEX | 31,4 |

(Meia hora de notícias, comentários e música)

| | | | | | | | | |
|-------|------|------|------|------|--|--|--|--|
| 23.45 | WLWR | 23,1 | WGEX | 31,4 | | | | |
|-------|------|------|------|------|--|--|--|--|

(Meia hora de notícias, comentários e música)

| | | | | | | | | |
|-------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 24.45 | WOOC | 31,1 | | | WOOW | 38,4 | WGEX | 31,4 |
| 1.45 | WOOC | 31,1 | WRUA | 39,6 | WOOW | 38,4 | | |

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. S. & das 19 e 45 às 20 horas.

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da AMÉRICA em MARCHA



Montgomery, com a boina característica de tripulantes dos « tanks » ingleses, que usa desde El Alamein, observa curiosamente, a vida dos peixes num aquário

MONTY

por ARTUR PORTELA

JÁ na outra guerra, a vitória sorriu aos generais mais novos. Não foram os técnicos, com os seus planos clássicos (Moltke e Schelliffen) que decidiram da contenda, mas o génio ardente e juvenil que cria e improvisa, numa suprema e instintiva vocação, as grandes concepções da manobra estratégica, sabendo ouzar quando tudo aconselha o contrário.

Nesta guerra, o caso repetiu-se. Os grandes cabos de guerra ingleses, como Montgomery, Alexander, Dempsey, têm a idade dos capitães. Nenhum deles fora indicado para qualquer lugar na iminência do conflito, muito embora a sua fôlha de serviços, nas vastas regiões do Império, fôsse extensa e brilhante.

Nasceram, pode dizer-se, generais, em 1942, com as responsabilidades do comando, feitos por si próprios, no ardor da luta, na experiência do combate e, até, mesmo, em perigosa adversidade, como sucedeu a Montgomery, na campanha de Africa. É nessa altura, que esse novo Scipião que entraria, como o famoso romano, em Cartago, se torna conhecido. A sua personalidade distingue-se desde logo. Não é o general que dirige, no gabinete do Estado Maior, nem fechado numa tenda de campanha, absorvido pelos seus planos, ou subjugado pela rigidez da técnica. É, antes, o homem que vai ao arame farpado conversar, familiarmente, com as sentinelas e que antes de cada combate explica aos seus oficiais e soldados, com uma eloquente simplicidade, o que deles espera sobre o terreno. No dia seguinte, cada homem sabe o que tem a fazer, como os de Nelson, em Trafalgar. Em vez da máquina cega e obstinada, cujos movimentos foram, previamente, reguladas num automatismo frio e implacável, um ser vivo, atento e confiante cuja acção designada pode ser excedida pelo seu arbitrio, se as circunstâncias assim o exigirem.

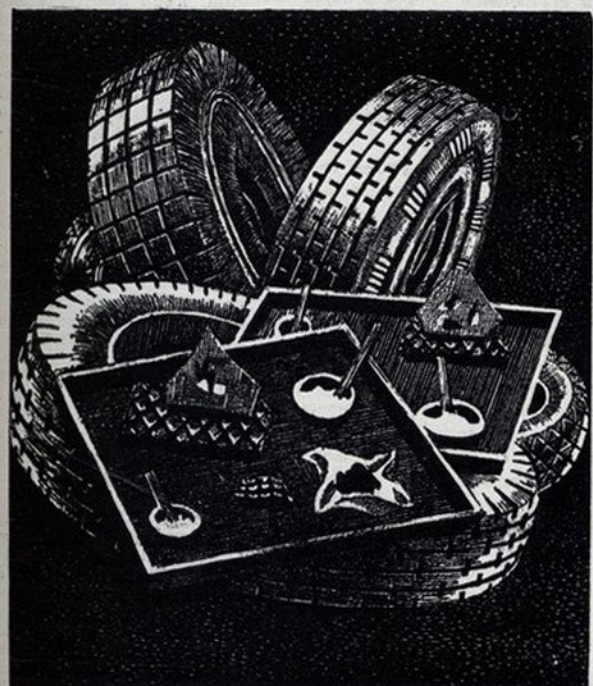
Em tôdas os exercícios do mundo, foi Monty o primeiro a tomar essa iniciativa, que lhe deu, de resto, os melhores resultados em El Alamein — mancha de casas brancas, perdidas num deserto de areias incandescentes, que marca na história da guerra, a viragem para a vitória. Dessa batalha cruel e temerária, na qual a infantaria britânica, de baioneta calada, atacou de noite, ao som das cornemusas dos highlanders, dependeu, afinal, o destino de toda a Europa.

Uma vez mais o espirito venceu a máquina; a imaginação e a audácia triunfaram do academismo militar. Havia do outro lado tudo — e tudo estava pronto, mas não se jogou, com os chamados imponderáveis psicológicos, com a adaptação ou variação do plano às realidades que surgem, sem previsão.

Montgomery trouxe para a luta uma personalidade hors-serie. Na sua modestia, é um soldado, que tem a mais as estrêlas de marechal. É, mesmo, natural que se esqueça constantemente delas, se é que não olha para as outras, eternas no seu mundo de luz, como um poeta para o qual a guerra se passasse, confusamente, num planeta distante e extraño. Não se mostra com a ostentação de um super-homem, gravando, duramente, na máscara, em rictus de bronze, as linhas dum possível monumento. Um dia disse: — estou farto de guerra; é preciso acabar isto depressa.»

(Continua na pág. 30)

A BORRACHA



Além dum artigo de primeira necessidade a borracha é, também, uma munição de guerra, tão essencial para as forças aéreas e os exércitos mecanizados como a gasolina.

Como, porém, mais de 90 por cento da borracha natural do mundo é produzida em territórios ocupados actualmente pelo Japão, as nações em guerra têm de usar com a maior parcimónia sendo, por isso, a borracha velha guardada com o mesmo cuidado que o ouro velho. A indústria química tem um importante papel no aproveitamento da borracha por meio dos muitos produtos que descobriu e aperfeiçoou, incluindo algumas substâncias mercê das quais a borracha, tanto a natural como a sintética, podem ser utilizadas muito mais rapidamente do que até aqui.

Várias espécies de borracha sintética, extraídas de matérias-primas comuns, tais como o carvão e o óleo, estão a ser produzidas em grande escala. As descobertas químicas permitem às fábricas a produção de muitas variedades de borrachas sintéticas para diferentes fins que nem sempre se limitam às necessidades de guerra.

A borracha, como produto de guerra, estimulou o trabalho de pesquisa química, mas será a borracha, como necessidade na paz, que colherá os benefícios.

O futuro da borracha depende tanto do laboratório e da fábrica como da própria plantação.

A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra





GENERAL SIMPSON

UMA das grandes surpresas reveladas com a grande ofensiva dos Aliados na frente ocidental foi o aparecimento do 3.º exército americano, na frente da batalha. Esse exército situou-se e estabeleceu uma ligação efectiva entre o 2.º exército inglês (general Dempsey) e o 1.º exército americano (general Hodges) que suportaram o peso principal da luta na primeira fase. O 9.º exército faz parte do grupo de exércitos que avançam em direcção do Ruhr.

A presença do 9.º exército americano no continente europeu fora assinalada pelos alemães quando dos combates travados para a posse de Brest. Esses combates foram particularmente violentos. O seu comandante é o general William Hood Simpson, um oficial do Texas que baseia toda a sua estratégia no campo da Infantaria. Embora não ignorando nem o valor nem as possibilidades das armas modernas, é no soldado e nas suas virtudes que Simpson continua a depositar a maior confiança para alcançar, rapidamente, a vitória.

Foi o mais directo colaborador do general Lesley Mc Nair, que introduziu as primeiras reformas profundas na orgânica do Exército norte-americano depois da última guerra. Logo que chegou à Europa, Simpson conferenciou demoradamente com o general Eisenhower e com os comandantes dos outros exércitos que tomam parte na ofensiva da frente ocidental, Montgomery, Hodges, Patton, Patch. Atribuem-lhe, geralmente, uma influência decisiva na preparação dos planos que estão agora a ser postos em prática na luta contra os alemães. Esses planos, de facto, coincidem, em parte apreciável, com as suas idéias concebidas sobre o emprego da artilharia e, sobretudo, da infantaria.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A LIBERTAÇÃO DA EUROPA

LENTAMENTE, a verdadeira fisionomia da Europa vai-se descobrindo à medida que prossegue o avanço vitorioso dos Exércitos aliados. Desde Keikenes, no Artico, até Atenas, desde a Polónia até à Itália; desenha-se um movimento gigantesco de libertação em que as vítimas aparecem irmanadas pela lei niveladora dum sacrificio comum suportado durante anos que pareciam infundáveis. Esse processo de ressurreição permite-nos avaliar a grandeza do processo de destruição que se abateu sobre o nosso continente, desfigurando-o a ponto de o tornar irreconhecível, mesmo aos olhos daqueles que melhor sentiam as suas virtudes e as suas tradições.

Não é de estranhar que apareçam a criticar os sobressaltos inevitáveis duma recuperação redentora aqueles mesmos que viram, com Indiferença, o esgotamento físico e a ruína política, o caos social e a crise económica da Europa durante o período prolongado da ocupação. Mas nenhuma testemunha imparcial deixará de reconhecer que os sofrimentos suportados, as dores consentidas e a agonia vivida bastam para explicar amplamente a inquietude dos povos que renascem para uma existência livre e independente.

A França, a Bélgica, a Grécia e a Iugoslávia podem considerar-se completamente libertadas. No território desses países existem apenas reduzidos contingentes de forças inimigas votadas irremediavelmente à rendição. E, por isso mesmo, nesses países, o regresso à vida se acompanha de manifestações mais extensas e profundas de ansiedade quanto ao seu próprio futuro.

Em todos eles há um sentimento que domina de longe quaisquer outras considerações. Nenhum deseja que voltem a repetir-se as circunstâncias que os colocaram à beira da ruína irremediável. Todos aspiram, com o mesmo ardor, à segurança que os garanta eficazmente contra a agressão.

Acreditará alguém que são outras as ideias predominantes nos restantes países, agora em via de libertação? Nenhum desses países querem voltar a conhecer as horas inquietas que viveram no transe constante da invasão e da ocupação estrangeira.

Nas viagens que fizeram a França e à Itália, à Bélgica e à Grécia os homens do Estado britânicos tiveram ocasião de examinar, de perto, o sulco profundo que esse sentimento imprimira na consciência das populações. Essa verificação reveste-se de um valor incalculável, no momento em que a actividade diplomática, relacionada com a construção da paz e com a organização da Europa, atinge o seu ponto culminante. Os srs. Churchill e Eden têm-se mostrado incansáveis para que essas duas tarefas se realizem nas melhores condições.

Não têm, decerto, outra pretensão os povos que, por circunstâncias estranhas à sua vontade, e foi esse por exemplo o caso da Finlândia e da Roménia, se viram envolvidos na luta em condições que se não harmonizavam com os seus sentimentos profundos. Tanto os romenos como os finlandeses, apesar dos obstáculos que se opunham à realização dos seus desejos e do risco que correram, não deixaram de rectificar a sua posição inicial e de reafirmar as suas conhecidas intenções pacíficas. Nenhum destes quer outra coisa que não seja a segurança do seu território e a recuperação da sua independência.

O OBSERVADOR

O fim do «Tirpitz»

No dia 13 de Novembro, o Ministério do Ar da Grã-Bretanha publicou um comunicado oficial para assinalar um acontecimento da maior importância no curso da guerra. Dizia assim: «O «Tirpitz» foi afundado. Na manhã de domingo (dia 12), 29 aparelhos «Lancaster» do Comando de Bombardeiros da R. A. F. sob o comando dos oficiais J. B. Tait e A. G. Williams, atacaram no fiord de Tromsøe o cruzador de batalha alemão «Tirpitz». O navio foi atingido por várias vezes com cargas de seis toneladas e dentro de poucos minutos afundou-se. Perdeu-se um dos nossos aparelhos».

Eis, no seu laconismo, a história do afundamento do «Tirpitz». A sua morte não foi brilhante como brilhante não tinha sido a sua vida. Logo que fez a sua aparição, em 9 de Março de 1942, foi atingido por torpedos aéreos lançados pelos aviões do «Victorious». A cena passou-se ao largo das Lofoten, e o «Tirpitz» teve de sofrer reparações que se prolongaram ao longo de quatro meses.

Depois de reparado, fez a sua reparação em 8 de Julho daquele ano no ataque a um comboio de abastecimentos que seguia para a Rússia. Os torpedos de um submarino soviético atingiram-no, novamente, e o «Tirpitz» teve de se refugiar no fiord de Alten onde se conservou durante catorze meses.

Uma inglesa nas F. F. I.

Denise Blaxhall, uma linda rapariga de 19 anos, filha de um rico comerciante de Londres, foi a única inglesa que voluntariamente se incorporou nas Forças Francesas do Interior e combateu a seu lado até à vitória e à entrada em Paris. Em 1940, quando da invasão da França, estava num convento daquele país.

O edificio do convento onde vivia foi ocupado pelas tropas alemãs e Denise alistou-se como enfermeira, reunindo-se aos franceses que propunham continuar a luta. Poude, assim, durante alguns meses, prestar excelentes serviços. Um dia, porém, foi feita prisioneira e com ela vinte e sete dos seus companheiros. Estes foram executados. Denise poude escapar, graças à intervenção de um soldado alemão a quem semanas antes salvara a vida. O romance de Denise Blaxhall acaba de ser revelado em Londres durante uma visita feita a este país por uma delegação dos patriotas franceses.

MUNDO GRAFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade do Mundo Grafico, L.

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrada, 4 a 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

COMEÇOU A OFENSIVA DE INVERNO

A campanha do outono na frente ocidental terminou. Ao contrário do que muita gente supunha não houve qualquer solução de continuidade entre o seu termo e o início da campanha de inverno. O episódio culminante que assinou a transição de uma para outra foi a libertação completa do grande porto de Antuérpia que, por força das circunstâncias, se tornou um elemento essencial para o prosseguimento da ofensiva aliada. Essa libertação constitui um dos episódios mais duros e sangrentos desta guerra.

Como se sabe, a última quinzena de Setembro foi consumida pelas façanhas das forças aero transportadas lançadas na região de Arnhem-Nimegue. Esta operação, que constituiu, no seu género, um caso sem precedente, preparou o terreno para o futuro desenvolvimento das operações em território holandês. A resistência alemã aparece enfraquecida em consequência do resultado devastador da batalha da França. Os resultados estratégicos conseguidos, foram da maior importância, como os acontecimentos não tardariam a demonstrar.

O 1.º Exército canadiano e o 2.º Exército britânico (é o grupo de exércitos superiormente comandado pelo marechal de campo Montgomery) puderam constituir um trampolim excepcionalmente favorável



S. M. o Rei Jorge VI de Inglaterra, na sua recente visita à Frente Ocidental, conversando com o generalíssimo Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas. No segundo plano, à esquerda, vê-se o general Bradley



As forças paraquedistas inglesas decidiram a batalha da Holanda, ocupando os pontos estratégicos que permitiram o avanço fulminante do general Dempsey



A ocupação da ilha de Walcheren, na Holanda, permitiu o aumento da navegação para o importante porto de Antuérpia. Os comandos ingleses depois de rude batalha, penetrando numa cidade



vel para limparem de inimigos o estuário do Escalda e para prosseguírem na libertação do território holandês. Esta acção enérgica foi executada durante as seis semanas que decorreram até meados de Novembro. O inimigo parece ter o propósito firme de fazer desaparecer parte do território neerlandês. O govêrno da Holanda, imediatamente, fez saber que pediria quando da conclusão da paz, as compensações territorias necessárias para que o seu país seja, oportunamente, indemnizado por quaisquer prejuízos dessa espécie que, porventura, vier a sofrer.

Foi nos primeiros dias de Outubro, quando as atenções do mundo ainda se fixavam no episódio de Arnhem, que os canadianos iniciaram a tarefa de limpar a foz do Escalda lançando, através do canal Leopoldo, a sua primeira testa de ponte na estrada que conduz de Maldegen a Aardenburg. Durante seis semanas a luta continuou incansável, no meio de in-

(Continua na pág. 28)

Os comandos da Marinha britânica que ocuparam a ilha de Walcheren, em pleno combate numa localidade, cujas ruas estão cobertas de destroços



A cidade de Hertogenbosch, importante centro de comunicações da Holanda foi conquistada brilhantemente pelos ingleses. Os pequeninos holandeses puderam voltar aos seus lares



A valorosa infantaria inglesa combatendo na frente da Holanda



Uma coluna motorizada britânica já para além de Hertogenbosch, a caminho para a frente

Depois do desembarque dos comandos da marinha britânica numa das ilhas do estuário do Escalda



O HEROÍSMO DE LONDRES



O POETA E O HEROI

de RUY SEQUEIRA NAZARÉ

A mãe acarinhava-o. O pai, às vezes, chamava-lhe tímido, e os companheiros da escola arrastavam-no, gritando: Não sejas envergonhado.

Jimmy calava-se e deixava falar todos, olhando todos com os seus olhos rasgados. Sim, êle sabia que as pessoas não o intimidavam. Simplesmente não gostava que lhe dissessem, arrancando-o à sua poesia interior, «Jimmy em que estás a pensar?»

— Noutro dia, quando tirei um gato dum poço e cheguei tarde a casa Olharam para o relógio e nem sequer repararam

(Continua na pág. 28)

Nem as chamas, nem as bombas conseguiram vencer a cidade gloriosa. Frente de batalha, ela foi também a frente da libertação

A APOTEOSE DE PARIS



Cêrca de dois milhões de pessoas aclamaram, em Paris, o grande Churchill, que, ao lado do general De Gaulle, assistiu às comemorações do Armistício. Soldados e marinheiros ingleses desfilaram em parada, nos Campos Elísios, no meio das mais delirantes manifestações

A AMIZADE FRANCO-BRITANICA



Ao fundo, em apoteose, o Arco do Triunfo. A multidão, ao longo das ruas, esbraseia-se de entusiasmo quando descem os Campos Elísios os soldados ingleses

A CHURCHILL



Eden responde às aclamações do povo francês

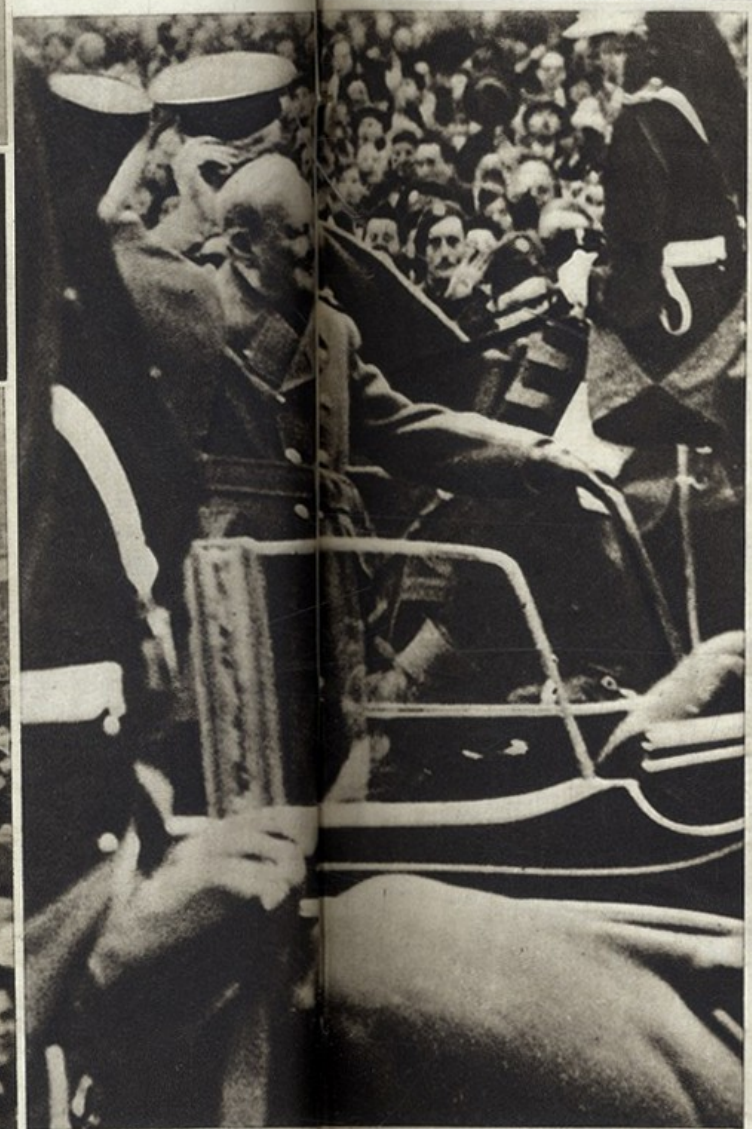


As raparigas das F. F. I. marchando nas ruas de Londres. Graciosas e decididas!



A Bélgica pode celebrar, já livre dos invasores, o aniversário do Armistício da outra guerra

POSIÇÕES NA HOLANDA



Paris agradece Churchill o que ele fez pela sua libertação

O PATRIOTISMO DA MULHER INGLÊSA



Uma linda rapariga dos serviços auxiliares da marinha inglesa



As tropas inglesas na Holanda. Uma secção de infantaria vai lançar-se sobre o inimigo e desalojá-lo das suas posições



Grandes fortificações alemãs são assim esmagadas pelas forças das Nações Unidas

QUANDO da campanha da França, cerca de quinhentos mil prisioneiros caíram nas mãos das forças anglo-franco-americanas. Um dos episódios mais curiosos foi a rendição de vinte mil soldados e oficiais alemães, que se encontravam no sul daquele país.

O general em chefe Erich Elster declarou que já há seis meses estava convencido da derrota da Alemanha, e era esse motivo porque se entregava sem resistência. Desarmados e despojados de todos os seus veículos motorizados, os vinte mil prisioneiros alemães percorriam as estradas da França, a caminho da retaguarda e dos campos de concentração, servindo-se dos mais diversos meios de transporte que conseguiram entre a população civil.



O comandante alemão, no momento da rendição



O general alemão Erich Elster, entrega a sua pistola ao major general americano Robert Macon

UM EPISÓDIO DE GUERRA



As forças alemãs marchando para os campos de concentração



Os generais alemães indicam o caminho que as suas forças vão seguir para se entregarem aos aliados



Este exército alemão, já sem veículos motorizados, utilizou os transportes da população francesa

← Vinte mil espingardas alemãs caíram neste local



A entrega de duas ambulâncias à Cruz Vermelha inglesa, adquiridas pelo pessoal da firma portuguesa, de Moçambique, Sena Sugar. O marechal Sir Philip Chetwode, presidente do comité executivo da Cruz Vermelha, agradece ao sr. Duque de Palmela a valiosa oferta

PORTUGAL E A INGLATERRA



O sr. Barraclough, da Cruz Vermelha, examinando com o embaixador de Portugal e sua esposa, uma das viaturas



O sr. Duque de Palmela no momento da entrega das ambulâncias

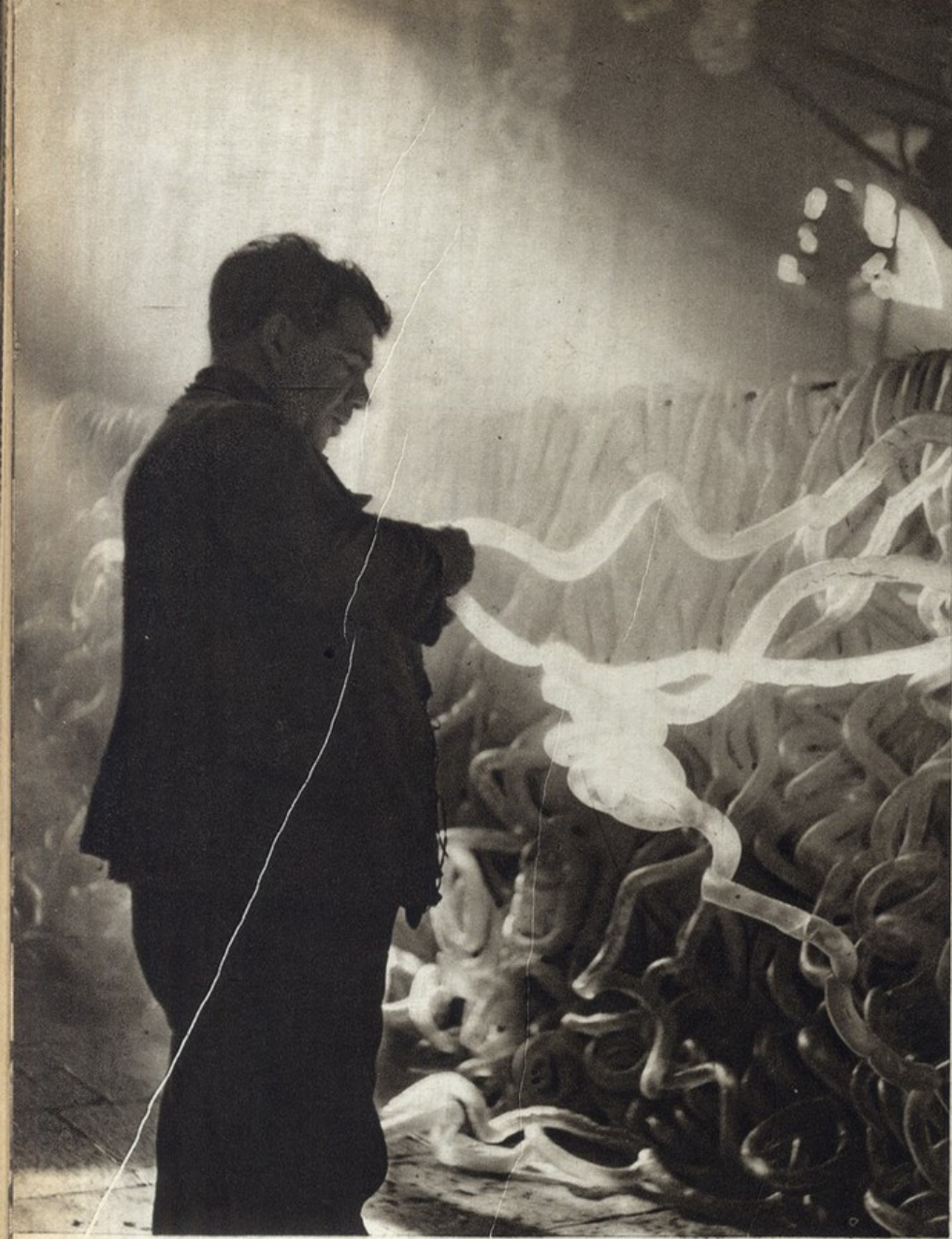
O pessoal da firma portuguesa de Moçambique Sena Sugar abriu entre si uma subscrição que rendeu a importância necessária para a compra de duas ambulâncias, as quais foram oferecidas à Cruz Vermelha inglesa.

A cerimónia da entrega dos dois veículos, que se revestiu de grande solenidade, realizou-se na sede daquela instituição, em Londres, assistindo, além do sr. embaixador de Portugal e sua esposa, o marechal Sir Philip Chetwode, presidente do comité executivo da Cruz Vermelha, o sr. Barraclough e Mrs. Hornung. Presentes, também, muitos membros da colónia portuguesa. O sr. duque de Palmela proferiu, nesse momento, uma alocução que a B. B. C. retransmitiu.

Sir Philip Chetwode, em nome da instituição, agradeceu a oferta e as palavras do nosso embaixador, salientando a amizade luso-britânica.



A sr.^a Duquesa de Palmela e Mrs. Hornung conversando com uma das condutoras dos veículos



Um golpe de choupa foi bastante para o prostrado



O suíno, que foi electrocutado, é raspado depois de ter sido submetido a um banho de água a ferver.



O QUE COMEMOS EM LISBOA

ESTA oficina de morte trabalha todos os dias — umas vezes mais, outras menos, conforme o gado que entra na cidade, um vindo do sul, das pastagens magras da planície alentejana, outro do Ribatejo e do Norte de campinas e talvez fartos — se a chuva dá à terra o bastante para beber.

A falna começa cedo e tem, digamos, o seu estilo. Enquanto os suínos sofrem a electrocução, os bois são



A primeira operação. O esventrar da rez.



O que Lisboa come nalguns dias

Um contra-luz curioso da secagem das tripas para enehidos



O boi entra no local de sacrificio



As carnes, no Matadouro, são cuidadosamente examinadas. O veterinário, sr. dr. Bonito, fazendo uma colheita de vísceras

O esquarteramento das vitelas

levados junto a uma coluna — a coluna do sacrificio — e aí, num golpe fulgurante de choupa, na cerviz baixa abatidos, vingando-se assim o género humano dos seculares holocaustos que se faziam em Cartago ao Apiti cornúpeto e deificado.

É inglorioso morrer assim, sem defesa, nem combate, mas o homem ainda está longe de se converter ao vegetarianismo.

O ambiente começa a tornar-se irrespirável. Paira uma atmosfera acre e fumegante de sangue. No pavimento cimentado, as vítimas alinham-se agora na sua monstruosa e bizarra arquitectura.

O esquarteramento é uma operação que, até certo ponto, tem segredos de técnica. Cada magarefe desempenha uma função. As facas e os cutelos de aço reluzente rebrilham sobre os cadáveres que, primeiramente, são abertos de alto a baixo, no ventre e depois esquarterados, numa rápida operação. O boi desapareceu.

O que há, agora, são fragmentos sangüíneos, pedaços de carne de um rosado frêsko, cujo cheiro enjoa. Tiraram-lhe primeiro as vísceras, decapitaram-na depois, em seguida cortaram-lhe os membros e arrancaram a pele e, por fim, foi dependurado nos quatro trazeiros, onde pelas linhas das vértebras é dividido em dois.

Quanto às vitelas, o processo é diferente. Não as matam à face, estrangulam-nas sem que elas, felizmente se apercebam da crueldade dos homens.

Abate-se agora menos mas nem por isso a morte deixa de trabalhar!

OS MOSQUITOS ATACAM



Num rasgo de audácia, os «Mosquitos» da R. A. F. atacaram o quartel da Gestapo, instalado na Universidade de Aarhus, na Dinamarca. Os pilotos razaram quasi os telhados, destruindo os edificios, onde se encontravam numerosos documentos que faziam perigar a vida dos dinamarqueses que lutam pela libertação da Pátria



A Bélgica festeja a sua ressurreição. A saída da igreja de Cristo em Bruxelas, um tenente das forças de policia belga saúda efusivamente uma das senhoras que fazem parte dos serviços auxiliares ingleses depois de, num gesto de galantaria, lhe ter oferecido um ramo de flores



A conquista da ilha de Walcheren, no estuário do Escalda, pelos comandos britânicos, foi uma das mais belas façanhas desta guerra ← como declarou Eisenhower



A infantaria britânica que tão brilhantemente tem combatido na Itália, entrando em Cesena, a última defesa no caminho para Bolonha



Grande parte da Holanda está, agora, submergida, mas os alemães, nem assim, conseguiram deter o avanço das forças britânicas. A população de Flushing, atravessando as ruas inundadas da cidade

O V EXÉRCITO EM ITÁLIA A ALEMANHA AMIAÇADA PELO SUL



A divisão indiana do 8.º Exército entra em Roucofreddo, na Itália. Apesar de tudo, as mueres ainda são utilizadas pelos exércitos modernos, nos caminhos enlameados e pedregosos

REGRESSO AO LAR



Esta bondosa velhinha, holandesa típica, que o fogo dos alemães obrigara a fugir, volta à sua casa sob a protecção dos soldados britânicos



A entrada das tropas britânicas, na Grécia provocou vibrantes manifestações de entusiasmo. Eis como as mulheres helênicas, uniformizadas e armadas, receberam em Salónica os libertadores

Numerosos prisioneiros têm sido feitos na Holanda. O general Dasser, é levado num barco de assalto →

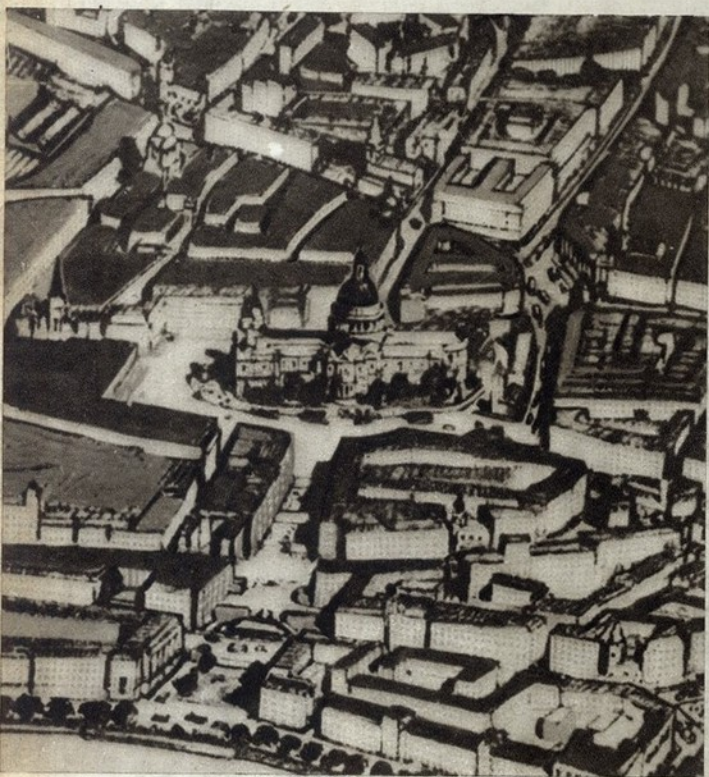




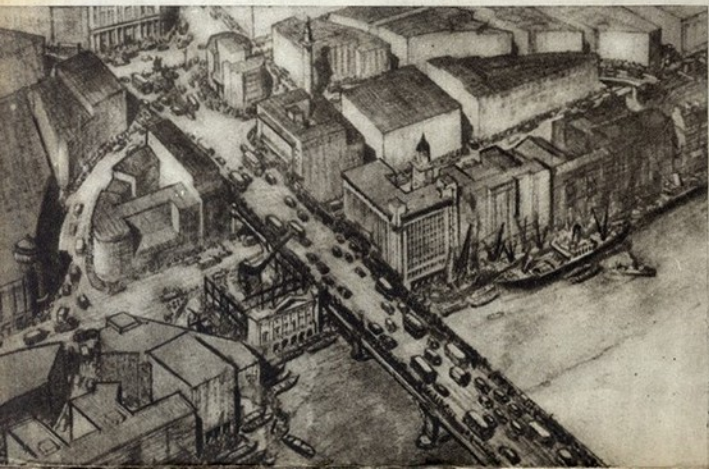
LONDRES vai renascer das suas ruínas gloriosas. Teem-se estudado vários planos de reedificação, que farão dela uma cidade moderna, embora respeitando os elementos tradicionais arquitectónicos que ficaram de pé, sob o fogo do inimigo e os seus grandes monumentos, cujas feridas, felizmente, podem ser cicatrizadas.

Como será a nova Londres, essa Londres maravilhosa, museu de artes, grande empório, com os seus parques rendilhados de vegetação, o seu Tamisa invencível e glorioso, os seus milhares de hácies de casario e fábricas? Enormes vias de acesso; blocos de edificação; mais pulmões verdes, como as fotografias destes projectos sugerem. As suas linhas audaciosas, dão-nos já uma ante-visão do que é possível realizar, numa escala de construção nunca vista até hoje.

Uma perspectiva grandiosa da nova Londres



A catedral de S. Paulo será um dos futuros eixos citadinos



LONDRES DEPOIS DA GUERRA



A grande catedral londrina devidamente valorizada por um magestoso arranjo urbanístico

As vias serão mais largas e todos os telhados desaparecerão substituídos por terraços, onde podem até aterrar helicópteros



Como os americanos desembarcam nas ilhas de que o Japão se tinha apoderado. Primeiro, um formidável bombardeamento naval e aéreo que não deixa pedra sobre pedra, depois, torrentes humanas e de material, que rapidamente se aproximam da capital do país inimigo

○ Japão, como a Alemanha, está envolvido por uma cadeia de aço cujos elos cada vez mais se apertam, num movimento irresistível de estrangulamento.

○ general Mac Artur — o herói americano do Pacífico — voltou às Filipinas, cumprindo a sua promessa. As suas forças, em extraordinários golpes de audácia,

de ilha em ilha, aproximam-se cada vez mais do solo nipónico. Do continente asiático, as valorosas tropas inglesas perseguem o inimigo em retirada, na Birmânia, e as forças do marechal Chang Kai Chek expulsam o invasor do solo pátrio.

Também ali, como na Europa, a guerra está próxima do fim.

O ATAQUE AO JAPÃO



A guerra na selva tem aspectos perigosos. Este soldado inglês conseguiu fazer passar o seu carro, através da torrente, para levar informações preciosas ao seu quartel general

As tropas inglesas não deixaram passar os nipões na Índia. A sua defesa da fronteira foi admirável. Depois, golpes sucessivos, penetraram na Birmânia, onde o inimigo, perdendo a iniciativa, recua constantemente



Ao longe o castelo da Pena numa moldura maravilhosa de poesia e romantismo



Uma estátua de viva beleza subjugada pelo «glorioso eden» de Byron



As pedras do vetusto castelo dos Mouros ennegreceram e parecem mais belas nas suas ruínas

SINTRA A ROMÂNTICA

AS paisagens são sempre telas evocadoras de amores, de heroísmo, de feitos históricos, de páginas de meditação e de beleza. Sintra é o lugar onde os espíritos podem acordar mundos de saudade. Por lá erraram almas de reis e de príncipes desvairados por paixões, donzelas presas à imagem de pagens loiros, e até por lá andou o espírito de



O velho palácio real, com as suas chaminés características — o que resta da construção manuelina



Duas raparigas escutam, entre as fráguas, a canção sussurrante das águas



A excursão maravilhosa, num dia de sol, parece embriagar as almas de alegria



Uma escaladora que não tem medo da vertigem

um génio da poesia a entretecer um poema no encantamento daquele *Eden glorioso*.

Dizia-nos um velho contemplativo, que Sintra, por onde muito andou na sua distante mocidade, que o seu melhor livro de recordações era aquele paraíso perdido entre as suas saudades.

De facto, assim é. A Sintra, poder-se-ia chamar a sempre nova; pois por muito que a conheçamos parece-nos eternamente jovem e desconhecida. Tal uma mulher fascinadora em quem notamos, a toda a hora, um novo mistério de magia.

Quem ainda não contemplou cenas de Wateau, pode, com pequeno esforço imaginativo, «ver» as telas do artista delicado nos quadros que se lhe depaenam naquele lugar onde ainda há pares enamorados e românticos.

E estamos certos de que se Byron hoje ressuscitasse, encontraria, a atrai-lo os temas que há tantos anos, o inspiravam para composições aladas e inigualáveis de culto pelas coisas belas, que só estão ocultas a quem não tem alma...

Sintra de príncipes encantados, de princezinhas lendárias, de paisagens surpreendentes e als evocadores saídos do corações lacera-dos por lentas penas de amor desventurado; Sintra de um rei

(Continua na pág. 28)



O regresso, com a sua melancolia. Mas Sintra é eterna e ela há-de voltar

FIGURAS E FACTOS



Dezenas de crianças recebem ali agasalho, instrução e assistência médica. Lady Campbell no meio da graciosa colônia infantil!



Lady Campbell e o visconde de Asseca distribuindo agasalhos às crianças do Secretariado da Defesa da Família

A sr.^a embaixatriz de Inglaterra, em visita ao Secretariado de Defesa da Família, de Pôrto Brandão, instituição criada pelo sacerdote britânico dr. Joseph Crowley. A sua esquerda, vê-se o visconde de Asseca, que dirige, agora, o benemérito organismo



O novo ministro conselheiro da embaixada de Inglaterra sr. N. A Ashley Clarke, com os adidos aerondúctico, comandante Wellington; naval, sr. contra-almirante Frederich Cyril Bradley; e adjunto da imprensa, Horace Zino, e adjuntos dos adidos naval e aerondúctico srs. tenente F. B. Stilwell e G. H. F Stone e brigadeiro Barter, visitaram a Liga dos Combatentes da Grande Guerra



Outro aspecto da visita das entidades britânicas à Liga dos Combatentes da Grande Guerra, na qual se afirmaram, calorosamente, os laços de aliança e simpatia que unem as duas nações



Uma cena de «For Those Peril», filme dirigido por Charles Crichton

“FOR THOSE IN PERIL”

ENTRE os grandes nomes do cinema inglês, salienta-se o de Michael Balcon, chefe de produção da Ealing Studios, a quem se devem algumas das mais vigorosas e humanas obras saídas ultimamente dos estúdios britânicos.

Após o êxito extraordinário de «San Demetrio», aclamado em todo o mundo como uma obra-prima, Michael Balcon produziu «For Those in Peril», com a mesma atmosfera real e emotiva daquele e como êle destinado a apresentar ao público a obra admirável duma organização quasi desconhecida: os serviços de socorros aero-navais.

Escrito por Richard Hillary, o célebre autor do livro «The Lest Enemy», que perdeu a vida durante a Batalha da Grã-Bretanha, «For Those in Peril» é uma tocante homenagem ao heroísmo dos homens que arromtam todos os perigos para salvar as vidas dos seus camaradas.

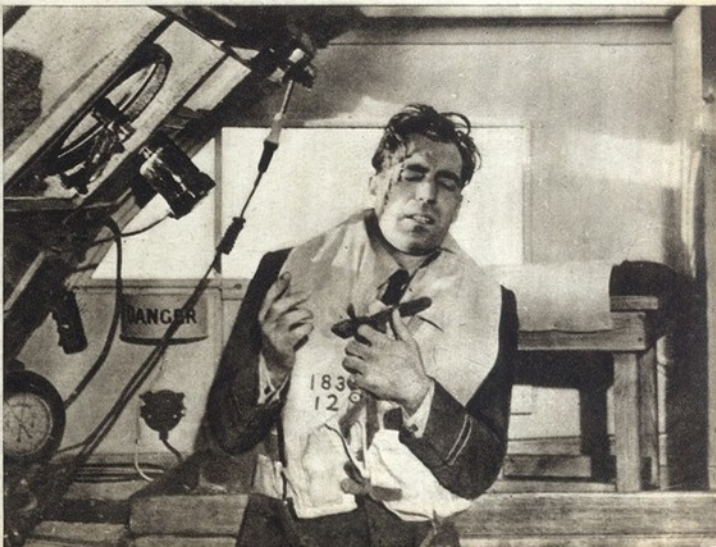


Após alguns dias sobre o mar, na sua boia, os aviadores vêem aproximar a lancha que os há-de recolher



Outras imagens emocionantes desta película, em que David Farrar e Ralph Michael desempenham os principais papéis

Sem esperanças de salvamento. O piloto ferido foi carinhosamente tratado pelo camarada, durante a sua odisseia →



PÁGINA FEMININA

DE AURORA JARDIM

MODA para o frio

Casacos... casacos... casacos em avalanche de muita roda e séria complicação.

As casas francesas que se encontram em Madrid e Barcelona apresentaram já as suas colecções; de Inglaterra e da América chegam-nos os mais vibrantes écos do que se usa.

Os casacos de tarde têm a cinta finíssima, a verdadeira «cinturinha de véspe» das nossas avós. Deixam o seio à vontade e apresentam imensa roda para baixo.



Mande fazer este vestido para a noite de Natal—que ainda tem tempo

E já há cintas especialmente executadas para este efeito. O vestido é quasi escultural—como o trapo molhado com que os escultores envolvem o barro em que trabalham.

É tal a flexibilidade imprimida às ancas que muitos manequins não usam cinta: têm, apenas, uma faixa de uns quatro dedos apertando fortemente a cintura... dizem que até dormem com ela.

Os vestidos são todos por dentro, no sítio da cintura para com múltiplas pinças, darem aí a necessária estreiteza.

O *tailleur* continua a ver-se debaixo do grande casaco em igual tecido. A saia cai a direito apenas com machos ou pregas que facilitem o andar.

Nos vestidos de tarde, há bastante *matelassé* dando movimento ao tecido e também bordados a passamanaria. E sempre os *drapés*.

As cores permanecem na voga dos contrastes, por vezes, berrantes: azul claro com tejo ou encarnado: violeta com carmezim, muito vermelho com grená, e até: castanho com preto, dois tons que nunca nos lembráramos de misturar.

(MODELOS
BARBER'S
BAZAAR)

Fica-lhe bem este audacioso chapéu à Directório

Eles gostam de ouvir dizer isto:

— Você vê bem as coisas. É um prazer falar consigo.

— Só pela maneira de dançar, logo se vê que gosta de música.

— Já são nove horas? Como o tempo se passou depressa!

— O seu fato é de fazenda inglesa, não? Vê-se logo.

— Nunca falou na rádio? É pena pois a sua voz presta-se com certeza.

— Tem uma linda gravata!

— Cuida depressa, bastante depressa até, mas tem óptimos reflexos.



O vestido da mulher sentada tem uma vaga sugestão da túnica helénica, que está na moda, visto a Grécia ter sido libertada

CASA QUEY

HOSIERY SPECIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18



Uma tarde elegante no Salão de Modas, dos Grandes Armazéns do Chiado. Os mais lindos modelos da estação desfilam ante uma distinta assistência



Vestido e bolero, admirável criação segundo desenho de Agostinho Borges

UMA PASSAGEM DE MODELOS



Dois elegantes vestidos de noite que provocaram sensação na passagem de modelos dos Armazéns do Chiado



Um conjunto em que a graça e o estilo do vestido são realçados por lindas guarnições



Uma sala-e-casaco para a tarde, que imprime distinção ao modelo

**A VOZ DE LONDRES FALA
E O MUNDO ACREDITA**



O grande mestre e compositor
Inglês Dr. Malcolm Sargent

“Deixem-me viver”

BESSONE BELFORD é um escritor jovem: publicou há pouco o seu primeiro romance, «Destinos», e acaba de dar à estampa «Deixem-me viver»!

Não somos das pessoas que julgam as obras pela idade dos autores. Pois, cremos, não será essa a melhor maneira de aquilatar os méritos do escritor. E tanto assim é, que há escritores que se orgulham de já ter feito muitos anos e, todavia, nunca o nosso espírito obteve deles a mais insignificante parcela de comoção artística.

Sem pretendermos empregar a frase irritantemente paradoxal, sempre diremos que nunca a existência de alguns laboriosos romancistas nos deu cuidados. Por esta simples razão: por nunca os termos lido.



Não se inclui, portanto, este romance na precocitosa consagração dos respeitáveis cabelos brancos. Antes se impõem e nos agradam as reveladoras manifestações de espíritos novos, desde que elas sejam sentidas e literariamente honestas.

Está neste caso o romance «Deixem-me viver!...», do sr. Bessone Belford. O autor que, supomos, não nos perdoaria a hipérbole se considerássemos o seu romance obra conclusiva, escreveu, no entanto, um livro que se lê com desenfado agradável, e este facto já por si constitui virtude pouco vulgar. O escritor não se preocupou com fomentadas originalidades, não pretendeu impor-nos nove dogmas, nem estarrecer-nos com modelos ultimamente muito aconselhados, nem tão pouco obedecer a imposições de certos cânones. Escreveu um romance em que pôs muito de humano e, por vezes, de simpática inconformidade levada de amargura.

Não rascurhamos estas desprezíveis linhas em obediência a qualquer sensibilidade, mas, sim, porque Bessone Belford afirma no seu romance uma personalidade, na textura e no intento ideológico das personagens do seu livro.

Por isso, merecer, sem favor, que sobre o seu trabalho se pense e dele se escreva com aprazível disposição crítica.

Edouard Herriot

NO comentário aqui feito no último número desta revista, esse misteriosa e inexplicavelmente trocado o nome do autor de «M.^{me} Récamier» em lugar de Edouard saiu Henri.

A grialha é a mais curiosa manifestação da escrita moldada em letra fundida.

Quem favorece a sua irritante intervenção? Eis um outro caso de difícil esclarecimento.

Neste caso não nos parece justo acusar da responsabilidade o compositor, nem o accidental revisor, nem tão pouco o escrevedor — pois este não tem culpa de não o terem obrigado a frequentar uma escola de caligrafia e desse modo obter uma letra «muito bonita», uma dessas letras que são o encanto das pessoas ordenadas e podem ser tomadas por espelho de tranquilas personalidades intelectuais — tal o seu desenho calmo... revelador de tempo e paciência.

E nós não temos nenhuma consideração pelo tempo — tanto assim é que ainda não nos cansamos de o desperdiçar... Quanto a paciência... paciência!

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Exposição Américo Taborda

AMÉRICO Taborda realizou há dias, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a sua primeira exposição individual. São duas centenas de trabalhos: óleos, guaches, aguarela e desenho e em todos eles se nota a evolução artística do expositor. Cremos que foi essa a intenção de Américo Taborda: marcar através das produções expostas a marcha evolutiva da sua arte.

Não há, pois, que achar bem ou considerar mal a vontade do pintor, desde que ele assim deliberou. Mas desse facto resulta para quem não siga a linha ascensional do artista, certas indecisões na maneira de julgar em conjunto os trabalhos expostos.

Todavia, quem observar com espírito perscrutador, facilmente reconhecerá a evidência consoladora dos seus processos artísticos.

Os seus trabalhos devem ser julgados atendendo à época em que o pintor os concebeu e realizou. Daí resultar o facto de, erradamente, a exposição parecer pouco uniforme. Uniformidade, em arte, obteria quasi sempre a força criadora.

E Américo Taborda possui a maior virtude que dignifica um artista: nota-se na sua arte o desejo laborioso que é insatisfeição nos verdadeiros artistas.

Não serão perfeitos todos os trabalhos expostos? Há meticolosos que assim podem julgar — que não nós que supomos ser difícil atingir a perfeição em arte. Se isso se desse o artista estagnar-se-ia num contemplativo narcisismo.

OS INCOMPREENSÍVEIS

D Elongem em longe dão-se factos semelhantes cujos resultados são profundamente contraditórios.

Em 1863 o júri do Salão das Belas Artes, de Paris, rejeitou grande número de quadros enviados ao certame. Houve, no entanto, naquele período de poder bonapartista um pouco de tolerância para os artistas recusados. O próprio imperador, contrariando a vontade do júri, autorizou a abertura de um «Salão de Recusados».

Entre os nomes de muitos pintores desclassificados, contavam-se os de Manet, de Courbet, de Tracquemond, de Boudin, de Fantin-Latour, e de outros.

Não temos a nós o elemento para afirmar se então éss realmente obra de arte constituiu um êxito. O que sabemos, e, cremos, toda a gente o saberá é que ésses ignorados pintores foram, decorridos muitos anos, considerados dos mais extraordinários artistas plásticos. Também entre nós, ainda não há muito, supomos que um grupo de pintores sofrendo a rejeição dos seus trabalhos em qualquer exposição moderna, deliberou mostrá-los independentemente noutro lugar.

De igual modo ignoramos se esse acto de inconformidade e de liberdade artísticas teve qualquer espécie de influência na pintura dos nossos dias.

Mas, arriscamo-nos a dizer que, se a teve, ainda ninguém deu pelo seu benefício.

Contudo, como acerca dos grandes problemas da arte não somos pessimistas em demasia, ainda nos inclinamos a admitir que mais ou menos anos os seus efeitos, se, alguém os notar, devem ser maravilhosos.

Bem sabemos que nem sempre os génios estão dispostos a fazer embasbacar os vulgaríssimos mortais... mas, que demónio, talvez o milagre surja. Lá quando é que não nos aventuramos a predizer!...



«Telheiro de S. Vicente», um dos quadros de Américo Taborda, expostos na S. N. B. A.

Sofistaria...

O homem que, há milhares de anos, vem interrogando o incognoscível; que descobre, constata, cria e derri; que procura o paraíso para não se sepultar o inferno das suas dúvidas e das suas apreensões, compraz-se, muitas vezes, a ser tão somente um bichinho minúsculo, inferior.

Desde séculos sepultados na eternidade do tempo que o homem faz da vida um martírio interrogativo.

Então, crendo-se possuído de imutáveis verdades, institui generalizações inconcebíveis de filosofia.

Sempre assim foi, e é, possivelmente, será. Pensar sobre fenómenos da vida é, muitas vezes, ir ao encontro da morte!

Assim tem sucedido aos que pensam.

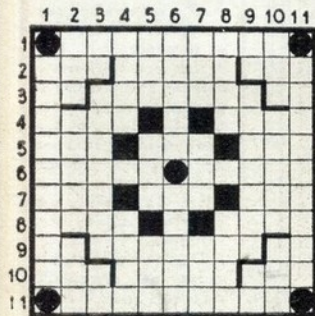
Seria infidável o número de pensadores a quem o destino tem reservado tal sorte.

Protógoras e Anaxágoras, há mais de dois mil anos, sofreram o destino por pensarem impiamente, e os seus livros foram queimados perante a multidão.

O outro dizia que nada existe de novo sob a roda do Sol. E aqueles dois filósofos ímpios, que eram sofistas, esqueceram-se do especioso conceito, por eles tão divulgado: de que os homens antes de inquirir sobre os fenómenos da alma alheia, devem, em primeiro lugar, conhecer o seu próprio espírito.

A quem assim não proceda pode suceder o dissabor já sofrido por vários.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 99 HORIZONTAIS

- 1 — General francês, especialista em operações nas montanhas e terreno coberto de neve, que está comandando tropas marroquinas, algerianas e senegalesas em acções vitoriosas dentro da Alemanha.
- 2 — Pronome possessivo — Agrupel — Época.
- 3 — Zomba — Desgraçada — Andar.
- 4 — Baía — Arrosta com.
- 5 — Afesta-se — Dote natural — Possuir.
- 6 — Libertado — Sob ecarrega.
- 7 — Fachada lateral de ed fício — Pegadeira — Debaiço de.
- 8 — Oferecida — Pouco espesso.
- 9 — Gemido — Guarnecéis de arames — N.me de uma letra grega.
- 10 — Chefe estope — Apelido do Ministro da Guerra britânico — Camareira.
- 11 — Gerara.

VERTICAIS

- 1 — Mudar de um lugar para outro.
- 2 — Governador de algumas províncias muçulmanas — Dança — Progenitor (izv).
- 3 — Pronome pessoal — Furada em muitos pontos — Senhor.
- 4 — Faz estrondo — Nome da nau capitaneada pelos Argonautas.
- 5 — Tempo do verbo «haver» — Deusa — Apelido da famosa heroína francesa denominada a «Donzela de Orléans».
- 6 — Diferente — Fazer desaparecer.
- 7 — Lige — Amofine — Actual.
- 8 — Ópera de Verdi — Golfo formado pelo Mar Báltico.
- 9 — Pôpa — Masseuras — Atmosfera.
- 10 — Pref.º que significa três — Produto para encerrar as linhas com que se cose sola ou couro — Caritativa.
- 11 — Serpente da região do Amazonas.

Solução do problema n.º 98



COMEÇOU A OFENSIVA

(Continuação da pág. 8)

identes dramáticos, como o da ilha Walcheren, mas, no final, a cidade de Antuérpia, onde os aliados haviam entrado nos primeiros dias de Outubro, com o seu porto, estava em condições de ser utilizada para os fins previstos pelo general Eisenhower.

Com esta vantagem fundamental, não ficou apenas extraordinariamente facilitado o trabalho de libertar depressa o território holandês, impedindo na medida do possível que o comando alemão realize nê destruições irreparáveis e inúteis sob o ponto de vista militar. Foi todo o problema da campanha de inverno que deu um passo decisivo no sentido duma solução rápida e eficaz. Uma vez limpas as bases do Escalda, calcularam os técnicos anglo-americanos que a utilização, em pleno, do porto de Antuépia se poderia fazer num prazo máximo de duas semanas. A êsse respeito, o director dos serviços de mobilização norte-americanos, sr. Byrnes, fez uma declaração

francamente optimista. Este alto funcionário revelou que já se encontravam em águas britânicas, no momento em que se procedia às últimas operações para a libertação do porto, numerosos navios carregados de material para serem descarregados, sem demora, nas suas instalações.

Os preparativos feitos eram de tal magnitude que, na segunda semana de Novembro, o general Patton pôde iniciar a campanha de inverno desencadeando um ataque de grande envergadura e servido por poderosos meios materiais na região de Nancy-Metz tendo como o objectivo imediato a conquista desta importante praça forte. O 3.º Exército americano do seu comando, que desempenhou um papel do maior relêvo na batalha da França, levando à sua frente os alemães desde Avranches até à antiga fronteira franco-alemã, deu mais uma vês excelentes provas. Este conjunto de operações perfeitamente sincronizadas, pôs em movimento toda a frente ocupada pelo grupo de exércitos do marechal Montgomery e pelos

exércitos americanos que operam contra o território do Reich (1.º, 3.º e 6.º). Com êste último encontram-se, na região dos Vosges, os soldados franceses comandados pelo general De Lattre de Tassigny que foram visitados pelo Primeiro ministro britânico durante a sua recente visita a França.

Todas as informações autorizadas indicam que a campanha de inverno na frente ocidental prosseguirá, implacavelmente, e quaisquer que sejam as condições do tempo, com os seus dois aspectos essenciais: a libertação total do território holandês e a conquista de território que separe os Aliados do Reno. Esta última batalha, que ficará sendo conhecida pela batalha do Reno, será, segundo todas as possibilidades, a última grande batalha desta guerra.

SINTRA A ROMÂNTICA

(Continuação da pág. 21)

acorrentado à sua desventura de todos os que trazem consigo a sombra de uma mágoa, ou a lembrança melancólica de um coração.

E quem sabe se os sonhos despedaçados que o amor infelicitou não andam a impregnar a paisagem de grandes realidades — que não passaram, afinal, de sonhos mutilados?

Por fim, sem intenção de destruir a magia triste do *Eden gloriosus*, nós, que somos da nossa época, encontramos no seu poder evocador a vivência de todas as quiméras e de todos os desejos que já de há muito supunhamos, para sempre, esquecidos!...

Não pensará o leitor que pode dar-se consigo o mesmo fenómeno, se alguma vez andou por Sintra, em noites de luar?

O POETA E O HEROI

(Continuação da pág. 9)

no gato que eu tinha salvo. «Jimmy és uma cabeça de vento»...

— Num dia de anos a Maggie disputou-me um bôlo de creme. Discutimos. «Jimmy, olha que eu sou uma rapariga.»

— Na escola, George, meu companheiro de carteira, não soube a lição. Para o ensinar, repeti-a, baixinho; e, à saída, o amigo zangou-se por o haver colocado mal.

— Contam-me histórias de fan-



CREMES

PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2.1886 — LISBOA

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DETRATAMENTO DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

INDIGESTÃO



O ácido da indigestão ataca sem aviso prévio. Precisa de um remédio prático — sempre pronto onde quer que se encontre, em casa, na rua, no cinema ou no seu trabalho.

As Pastilhas Rennie respondem a estes requisitos. Nem demoras nem necessidades de água. Ao primeiro sintoma de dor de estômago, chupe duas Pastilhas Rennie como se fossem caramelos, uma logo em seguida à outra.

Rennie chega-lhe ao estômago com toda a sua força: neutraliza rapidamente o excesso de ácido. As dores produzidas pelos gases e pela acidez diminuem. O estômago sente-se confortado, dulcificado. Raramente precisará tomar mais de duas Rennie para lhes sentir os efeitos. Rennie é um remédio inglês muito recomendado contra a indigestão.

Compre um pacote ainda hoje na sua farmácia.

tasmas e querem que não tenha medo deles.

Estas confidências traduzia-as Jimmy, em lágrimas à noite, ao adormecer.

Por vezes, chegava tarde à escola: seduziam-no as montras das livrarias, onde os livros, garridamente vestidos, lhe recordavam certos bolos de Natal. Comprava os mais bonitos, os que o levavam mais longe. Outras vezes, Jimmy dialogava com o primeiro animal que surgisse no caminho: um cão, um gato, um galo...

Ao cão falava mais ou menos assim:

— Tens os olhos mais bonitos do que os meus.

Dizia ao gato:

— És tão caturra como a minha professora.

O galo escutava:

— Se te não fizesses falta, arrancava-te as penas e arranjava um leque para a minha mãe.

Era por isso que Jimmy chegava tarde à escola.

Veio a batalha da Inglaterra. O desembarque no norte da África. A campanha da Itália. Terminou vitoriosa a batalha da França. Jimmy fez onze, doze, treze anos.

É o mais adiantado da classe. A mãe dá-lhe mais beijos. E o pai, que está no front, pergunta sempre nas cartas: «O Jimmy continua a ser muito envergonhado?»

«Capitão Charles Mac Carthy, Alguês na Holanda.

Querido: — Como te contar?

Recebe muitos beijos e manda-me todos que tiveres para me dar.

Perdemos o Jimmy. Se é que, neste momento, tenho o juízo perfeito, posso dizer-te que me sinto orgulhosa e triste ao mesmo tempo. Perdemos o nosso filho aqui, na nossa bem amada Inglaterra, mas é como se êle houvesse caído em qualquer dos campos de batalha. Conto-te em poucas palavras: Na manhã do dia quinze, o nosso filho saíra para a escola, depois de trocarmos o beijo do costume. Duas horas depois, afligi-me um bocado com o sinal das sireias. Ao meio-dia, soube do ocorrido: a professora e todos os alunos haviam deixado a escola para ir aos abrigos, porém, Jimmy voltou à sala de aula, para buscar «uma bela coisa», de que se esquecera, no meio do alarme. Depois? A bomba voadora fez o resto.

Encontramos o pobre Jimmy sem vida, com os olhos bem abertos (pareceu-me sentir o teu olhar: «o nosso filho é tímido»). No ponto fechado da sua pequena mão direita, achou-se um rectângulo de papel — a «bela coisa» a que o rapazinho se referira — onde o nosso encantador filhinho rascunhara a lápis:

Who stands if Freedom fall?

Kipling

(Quem vive se a liberdade perceber?)

Agora me lembro do que disse Shakespeare: «O belo é tenebroso e o tenebroso é belo». Tua Greer. P. S. — Ainda sou nova — G.»

«Telegrama — Greer Mac Carthy-Brighton.

Caíu Antuérpia. Não desmenti a coragem do nosso filho. Beijos — Charles».

Seja prático e económico

viaje

na

C.P.

Informações — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031 — no Porto — na estação de S. Bento — Telef. 1723

Que lindo par...



ONDE quer que apareçam são olhados como um par ideal dois seres que parecem feitos um pelo outro. O casamento não poderia reunir dois cônjuges de mais harmonioso conjunto. No entanto ela era viúva: mãe de 3 filhos e tem mais 6 anos que o marido.

Mas sabe que para conservar esta preciosa juventude, valiosa garantia de felicidade, é preciso uma vontade tenaz, cuidados constantes. Sabe que a esposa embranquecida, embora possua muitos encantos e virtudes, perde aos olhos do esposo. Nunca deixou que os fios de prata inv. dissem a sua cabeça.

Um hábil cabeleireiro combina a cuidada descoloração com as aplicações de IMÉDIA OREAL cuja dosagem própria permite a conservação da cor natural do cabelo. Em poucos minutos IMÉDIA OREAL faz desaparecer os cabelos brancos, sem prejudicar os pelos, nem a execução da ondulação permanente.

Quem não quiser ir ao cabeleireiro pode usar em casa a IMÉDIA OREAL, comprando uma caixa em qualquer perfumaria.

Por combinação com os Agentes de L'Oréal, Rua d'Assunção, 88-2.º, Lisboa pode V. Ex.ª receber a documentação da tinta Imédia, sem qualquer compromisso ou despesa, bastando pedi-la num simples postal.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

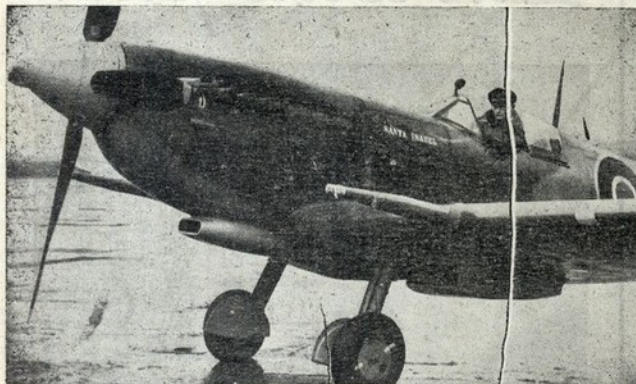
É vendida em lojas de farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 23 LISBOA



DOIS "SPITFIRES"



A colónia britânica da Madeira abriu uma subscrição para a compra de dois caças «Spitfires» que foram oferecidos à R. A. F.

Harry Hinton, o grande industrial açucareiro, cuja fábrica comemora no próximo ano o seu primeiro centenário, contribuiu com avultada quantia para essa subscrição. Harry Hinton, que é devotado amigo dos portugueses, nasceu no Funchal, onde estão instaladas as suas fábricas, e all constituiu família. A gravura de cima mostra um dos «Spitfires» adquiridos, o «Isabel».



MONTY

(Continuação da pág. 5)

Mede-se tranqüilamente, com os acontecimentos, sem nunca se desprender daquele sorriso que é o claro sinal de uma inteligência e, sobretudo, duma fé absoluta nos destinos desta luta tremenda. Deve-se-lhe o plano da campanha da França, cuja execução foi o momento culminante da batalha a ocidente. O que Napoleão, em sentido inverso, não conseguiu, realizou-o elle com a calma e a perseverança dos ingleses de raça genuína.

Uma passagem de modelos nos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Foi acontecimento mundano de relêvo a passagem de modelos que há dias se realizou no salão de modas dos Grandes Armazéns do Chiado, completamente remodelados sob a orientação do sr. Manuel Nunes dos Santos e da gerência da empresa. A passagem de modelos de vestidos e chapéus de Alta Costura alcançou, por isso, êxito mais retumbante.

Os modelos, de requintado bom-gosto, desenhados por Agostinho Borges, sob a direcção do sr. Manuel Nunes dos Santos, provaram que a nova «Prémère», Madame Dolores Pedroso, pode rivalizar com as mais afamadas «Prémères» parisienses.

Vinhos Regionais Portugueses

Na página, com êste titulo, que os nossos leitores encontrarão adiante, está incompleta a direcção do representante dos Vinhos Correia Ribeiro, C. Calderon Diniz. É na Alameda de D. Afonso Henriques, 76-K.

Quereis ganhar dinheiro?
ANUNCIAI NO
Mundo Gráfico

UM DIA ESTRAGADO POR CAUSA DO ESTÔMAGO



—Perdido o Domingo a chorar, a discutir com o António a propósito de tudo e de nada — escreve ela à amiga. Mas o médico e amigo do casal disse-lhe que o mau humor do marido tinha por causadora a má digestão: — Uma pequena colher de Magnésia Bisurada no fim das refeições e logo volta o bom humor. Ficou radiante. Já há mais tempo que deviam ter pensado na Magnésia Bisurada! À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

Revelação de Rôlos, Cópias e Ampliações



LAMINAS "NACET"

"Lâminas boas e baratas"

A complicação habitual com as lâminas de preço económico é a falta de uniformidade — boas, más e sofríveis no mesmo pacote. As Lâminas Nacet, apesar de modestas no preço, são uniformemente boas — cada uma das lâminas do pacote dará a mesma satisfação, proporcionando muitas barbas bem feitas. Têm sido muito populares entre os possuidores de máquinas de três furos, devido ao que afirmamos.



75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

COLONIE ETRANGERE ET CORPS DIPLOMATIQUE

Malgré les difficultés presentes et afin de contenter sa clientèle, la maison «MANOLITA», maîtres-pelletiers-fourreurs, ont fait venir de l'étranger des techniciens spécialistes ainsi qu'un grand choix de fourrures: Vison, Castor, Astrakan Perse, etc. Un défilé de manequins aura lieu tous les jours, à partir de 15 heures, pour vous donner un aperçu des dernières créations de Londres et New-York.

«MANOLITA» est à votre disposition pour vous donner gratuitement tous les conseils techniques pour transformer vos fourrures.

Prière d'une visite chez.

"MANOLITA"

Rua Rodrigues Sampaio, 160 — Tel. 4 0961

Gravuras de MARTINS @ FERREIRA, L.DA • Rua Infante D. Henrique, 60-2.º Telef. 2 2991

VINHOS REGIONAIS PORTUGUESES

Dos vinhos da nossa terra, da projecção internacional, três há com características tão suas que não têm similar onde quer que seja. Os vinhos do Porto, os primeiros em todo o mundo, atingem os mais remotos pontos do Universo, os da Madeira apreciados por toda a parte e os vinhos verdes são os únicos no mundo, pois mesmo entre nós só se encontram na respectiva região demarcada, no Entre Douro e Minho. Quanto aos espumantes naturais não podendo ostentar a mesma originalidade, não se arreceiam já de qualquer confronto com muitas das marcas mais afamadas da região da Champagne.



Os Vinhos Verdes, de tão inconfundíveis características, desfrutam hoje uma incomparável situação, representando um dos mais apreciáveis valores na Economia Nacional. Muito embora sejam várias as marcas que se encontram no nosso mercado, é de inteira justiça destacar os vinhos da VICINHA DE BASTO, de Celorico de Basto, como o «Montanhez», tinto e branco, o «Precioso» e o «Azal» ambos brancos, vinhos de alta categoria que fazem a delícia dos conhecedores. São representados em Lisboa pelo nosso amigo sr. J. A. da Costa Pina, da Rua do Alecrim n.º 69, que dispõe de importantes stocks destes magníficos vinhos e de licenças estrangeiros.



Numa feliz inspiração e com uma flagrante oportunidade, a conhecida firma de vinhos do Porto, Corrêa Ribeiro, Fos, Ld.ª, de Vila Nova de Gaia, lançou no mercado a nova marca «Aliados» cujas qualidades correspondem inteiramente às responsabilidades que esta denominação acarreta, vindo confirmar os créditos já firmados por outras marcas que, como o «Porto de Luxo», se fixaram definitivamente nos centros consumidores nacionais e estrangeiros. A representação destes vinhos em Lisboa e no Sul do País está confiada a C. Calderon Diniz, Alameda de D. Afonso, 76 telef. 40374.

Os Espumantes Naturais, defendidos pelo Estado com justas medidas de protecção, são os vinhos que de há muito figuram, obrigatoriamente nas Festas de Família, hotéis, restaurantes e bars, havendo sempre muito escrúpulo na escolha de marca a servir que, sendo bastantes, nem todas merecem idêntica preferência. Na Quinta de S. Miguel, da privilegiada região vinícola da Andia, de entre os vários vinhos que produz, já bem conhecidos entre nós e todos eles da melhor qualidade, destaca-se de forma decisiva o seu Espumante Natural hoje considerado incontestavelmente um dos melhores do País.

Os vinhos da Madeira figuram, sem favor, no primeiro plano dos vinhos de qualidade do mundo inteiro, muito apreciados no País e fora dele, tendo constituído sempre a sua exportação, em tempos normais, um dos mais decisivos factores da vida económica madeirense. A Casa Leacock, a mais antiga firma britânica local exercendo nesta Ilha outras importantes actividades, dedica-se desde há muito à sua preparação e com tais cuidados que eles ocupam um lugar de eleição entre os seus congêneres, destacando-se as marcas universalmente conhecidas «Malvasia», «Sercial Velho» e «S. João».

MUNDO GRÁFICO



Mais
de 3.000 aviões
inglês
apoiam a ofensiva
geral
de inverno
contra
a Alemanha